

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R813o Rosendo, Paulo Daniel da Silva.	Ocupação
protestante holandesa: os primeiros passos	do
protestantismo entre os povos originários da	Frederica
/ Paulo Daniel da Silva Rosendo. - João	Pessoa, 2026.
29 f. : il.	

Orientador: Lúcio Flávio Vasconcelos.

Coorientador: Egivanildo Tavares da Silva.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas letras e Artes,
2026.

1. Protestante. 2. Calvinismo. I. Vasconcelos, Lúcio
Flávio. II. Silva, Egivanildo Tavares da. III. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94:261.7

Elaborado por MARIA DE FATIMA HENRIQUE JORGE MAIA - CRB15/392



Universidade Federal da Paraíba

Departamento de História

Paulo Daniel da Silva Rosendo

**Ocupação protestante holandesa:
os primeiros passos do protestantismo entre os povos originários da Frederica**

João Pessoa

2026

Paulo Daniel da Silva Rosendo

Ocupação protestante holandesa: os primeiros passos do protestantismo entre os povos originários da Frederica

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de licenciatura em História pela
Universidade Federal da Paraíba para a
obtenção do grau de licenciado em história.
Orientador: Prof: Dr Lúcio Flávio
Vasconcelos

João Pessoa

2026

Dedicatória

A minha avó querida, que tanto
me ama e cuidou de mim.
Minha rainha e dona do melhor
sorriso. Te amo Maria.

Agradecimentos

A Deus, primeiramente. Pois Nele eu existo e sem Ele, nada posso fazer.

A minha família, Paulinho (pai), Clélia (mãe), Allan (irmão) por todo apoio em todas as áreas da minha vida, vocês são tudo pra mim.

A minhas amigas, Rúbia, Edryelle e Clara por me aguentarem durante esses anos.

Ao Rev. Alberto Matos que muito me ajudou com a bibliografia.

A todos os professores por toda a contribuição para minha formação acadêmica.

Ao meu orientador, professor Lúcio Flavio, por todo empenho como profissional, historiador e como pessoa. Sou seu admirador.

“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução.” Eric J. Hobsbawn

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo traçar uma linha desde a reforma, passando pela influência do calvinismo, o protestantismo na Holanda, até chegar aqui “onde o sol nasce primeiro.” O foco é apresentar as raízes da implantação da fé protestante na Paraíba holandesa, citando agentes importantíssimos como Pedro Poti, alguns missionários e o trabalho da Companhia das Índias Ocidentais. Dedico-me não a apenas apresentar o que ocorreu em 1630 a 1654, mas sim a pensar as motivações e o propósito desta diferente catequização. Os primeiros passos do protestantismo entre os povos originários da Frederica é marcado por uma longa bagagem de anos antes, interesses e intenções.

Abstract

The present work aims to trace a line from the Reformation, through the influence of Calvinism and Protestantism in the Netherlands, to arrive here, “where the sun rises first.” The focus is to present the roots of the establishment of the Protestant faith in Dutch Paraíba, citing highly significant figures such as Pedro Poti, several missionaries, and the work of the Dutch West India Company. I dedicate myself not only to presenting what occurred between 1630 and 1654, but also to reflecting on the motivations and purpose of this different form of catechization. The first steps of Protestantism among the Indigenous peoples of Frederica were shaped by a long history that began years earlier, driven by interests and intentions.

Sumário

Introdução

1 – As reformas religiosas na Europa

1.1 - O 31 de outubro de 1517

1.2 – Reforma Calvinista

1.3 – A Igreja Reformada na Holanda

2 – Tentativas de evangelização protestante no Brasil

2.1 – Villegagnon recebe os enviados de João Calvino

2.2 – A ocupação holandesa

2.3 – Missionários entre os povos indígenas

3 – Os primeiros passos do protestantismo na Paraíba Holandesa (Frederica)

3.1 – A Igreja Potiguara

3.2 – Contribuições de Pedro Poti no período e cartas trocadas entre os potiguaras

3.3 – A educação

4 – Conclusão

5 – Considerações

6 – Referências

Pensar a história da Paraíba colonial é refletir sobre um passado que não está tão longe. Apesar da distância temporal, há muito daquele período na nossa contemporaneidade. Com o enfoque no período Holandês, vamos buscar compreender os passos da vertente protestante do Cristianismo traçando a sua rota desde o processo de divisão e rompimento com a Igreja Católica Apostólica Romana no início do século XVI até a evangelização protestante entre os povos indígenas na Paraíba holandesa. Como essa ocupação ocorreu? Numa mistura entre História política e religiosa, entenderemos o desenvolvimento da fé protestante na Paraíba holandesa.

A professora doutora Regina Célia Gonçalves mostra no seu livro intitulado Guerras e Açúcares, que descreve a capitania da Paraíba, de 1585 até meados de 1630, o estado de guerra que viviam as terras que trataremos e que antecederam o mesmo período.

A presença Protestante Calvinista trouxe a organização da primeira igreja reformada na Paraíba como a Igreja Potiguara reformada, uma mistura de indígenas com holandeses reformados, o que seria a primeira igreja evangélica indígena das Américas.



Calvinistas saindo da reunião (culto) com bandeiras da Holanda.

É importante estudar sobre a origem do protestantismo no Brasil apartir de fontes históricas, pois existem muitas correntes protestantes que defendem a sua origem como sendo a primeira manifestação da fé no País. Este trabalho é justamente uma tentativa enfatizar que os holandeses tiveram a primazia nessa questão e com erros e acertos trouxeram a fé reformada para o Brasil por meio do Nordeste.

A Reforma Protestante chegou ao Brasil ainda no século XVI, quando os franceses fundaram uma colônia no Rio de Janeiro, em 1557, trazendo pastores calvinistas enviados por João Calvino. Dessa experiência surgiu a primeira Confissão de Fé escrita nas Américas, elaborada por Jean du Bordel. Posteriormente, em 1630, os holandeses estabeleceram uma colônia em Pernambuco, expandindo seu domínio por grande parte do Nordeste até 1654, período conhecido como Brasil Holandês.

A história da Igreja Reformada Potiguara se confunde e se mescla com a história do Brasil Holandês. Para entendermos melhor a formação desta igreja, precisamos compreender um

pouco sobre este período da história do Brasil. A primeira tentativa dos holandeses de invadir os territórios portugueses no Brasil ocorreu ainda em 1624, na Bahia, mas durou apenas um ano. Logo após este período, uma nova tentativa de invasão ocorreu em 1630 e, desta vez, foi bem sucedida. Nesta época, cada Estado possuía a sua igreja oficial. Quando este Estado fundava uma nova colônia e expandia o seu território, a igreja o seguia, levando ministros para acompanhar os exploradores e para proclamar o evangelho aos povos indígenas. Juntamente com a invasão holandesa no Brasil, veio a Igreja Cristã Reformada (igreja oficial do Estado Holandês), servida por cerca de cinquenta pastores e cem evangelistas. Na medida que os holandeses ampliavam o território conquistado no Brasil, novas congregações reformadas eram implantadas nas terras dominadas. Durante algum tempo, existiram vinte e duas igrejas protestantes no Nordeste. Os missionários holandeses concentraram os seus esforços com mais intensidade entre os índios da tribo potiguara.

Entre batalhas, histórias, correspondências trocadas e fê se desenrola os primeiros passos da Igreja Protestante aqui na Paraíba no período holandês.

Capítulo 1

As reformas religiosas na Europa

Dentro da Europa, um turbilhão de movimentos reformistas, já ocorriam na religião católica romana. Tão hegemônica, mas tão questionada, a Igreja usava da inquisição como forma de calar indivíduos que colocavam em cheque a autoridade do Papa e o acúmulo de riquezas da Igreja.

John Wycliffe no Reino unido, Girolamo Savonarola na Itália e Jan Huss na Boêmia, criticaram ferozmente a Igreja romana durante meados do renascimento, o movimento que precederia o maior racha do cristianismo.

A importância da Reforma Protestante ultrapassa o âmbito religioso, pois suas consequências influenciaram a organização política dos Estados europeus, as relações de poder entre governantes e instituições religiosas, além de provocar mudanças na cultura e na educação. O movimento também levou a Igreja Católica a promover a Contrarreforma, buscando reorganizar suas práticas e reafirmar seus princípios diante do avanço das novas doutrinas.

1.1 O 31 de outubro de 1517

No dia 31 de outubro, em 1517, um monge alemão, insatisfeito com o estado que a Igreja estava, ao ponto de estar vendendo perdão de pecados (indulgência), fixa 95 teses na porta do castelo de Wittenberg, no então Sacro Império Romano Germânico.

Lutero (1483-1546) queria propor um debate com Roma, para que o Papa Leão X repensasse as práticas da Igreja. Entretanto ele foi intimado a comparecer em uma Dieta, que era uma reunião similar a um concílio, mas com representantes do Império afim de solucionar possíveis problemas dentro da Igrejas.

Lutero decide ir, mas é obrigado a negar todos os seus escritos. Quando ele rejeita e ignora as acusações e decide manter o que ele havia escrito, oficialmente o Javali selvagem que tinha entrado na vinha (a expressão usada por Roma a Lutero) foi excomungado da Igreja. Acabara de se iniciar o movimento da Reforma protestante na atual Alemanha.

Matinho Lutero passaria o resto de sua vida disfarçado de um cavaleiro chamado Jorge, casou-se com uma ex freira de nome Catarina Von Bora, teve 6 filhos e filhas, morre em 1546, vítima de um derrame, contribuindo em suas traduções da bíblia com a alfabetização de parte da atual Alemanha.

No campo político, a Reforma fortaleceu o poder de alguns governantes que passaram a apoiar o movimento, reduzindo a influência da Igreja Católica sobre determinados territórios. A disputa entre católicos e protestantes também contribuiu para conflitos religiosos, como as guerras de religião ocorridas em diferentes partes da Europa durante os séculos XVI e XVII.

Outra consequência importante foi a reação da Igreja Católica, conhecida como Contrarreforma ou Reforma Católica. Por meio de medidas como o Concílio de Trento (1545–1563), a Igreja buscou reafirmar seus princípios, combater críticas protestantes e reorganizar sua atuação religiosa.

Além disso, a Reforma Protestante incentivou mudanças culturais e educacionais, como a valorização da leitura e da tradução da Bíblia para línguas nacionais, ampliando o acesso de diferentes grupos aos textos religiosos. Assim, o acontecimento iniciado em 1517 contribuiu para profundas mudanças na sociedade europeia e marcou a transição para a modernidade.



Lutero afixando as 95 teses

1.2 Reforma Calvinista

Precisamos mencionar a reforma em Genebra na Suíça, mesmo que brevemente.

“João Calvino teve a peculiaridade de ser o único dos reformadores de primeiro escalão oriundo de um país de cultura latina. Todos os demais – indivíduos como Martinho Lutero, Filipe Melancton, Martin Butzer, Ulrico Zuínglio, Menno Simons, John Knox e Thomas Cranmer – eram anglo-germânicos. Calvino nasceu em Noyon, no nordeste da França, e desde cedo revelou grande inteligência e dedicação aos estudos. Graças às ligações do seu pai com o clero da pequena cidade, o menino teve excelentes oportunidades educacionais.”

DE MATOS, Alderi Souza. 500 anos de João Calvino: pensamentos sobre sua vida e contribuições. **Revista Caminhando** v. 14, n. 2, p. 171-179, 2009.

Calvino (1509-1564) escreveu as instituições da religião cristã, um importante livro que fala não só sobre teologia, mas sobre uma visão de mundo.

O pensamento calvinista foi estruturado a partir de princípios teológicos que enfatizavam a soberania divina, a autoridade da Bíblia e a necessidade de uma vida cristã orientada pela disciplina moral. Entre suas principais doutrinas destacou-se a predestinação, conceito segundo o qual Deus teria determinado previamente aqueles que alcançariam a salvação. Essa concepção tornou-se um dos elementos mais característicos da tradição reformada e diferenciou o calvinismo de outras correntes protestantes surgidas no mesmo período.

A cidade de Genebra, na Suíça, tornou-se o principal centro de desenvolvimento e difusão das ideias calvinistas. Sob a influência de Calvino, a comunidade genebrina passou por uma reorganização religiosa e social baseada nos valores da Reforma, incluindo a valorização da educação, do estudo bíblico e da formação de líderes religiosos. A partir

desse núcleo, o calvinismo expandiu-se para diferentes regiões da Europa, alcançando países como França, Escócia, Inglaterra e os Países Baixos.

Nos Países Baixos, a doutrina calvinista adquiriu significativa influência durante o século XVI, período marcado pelos conflitos entre a população neerlandesa e o domínio espanhol. A perseguição religiosa promovida pelas autoridades católicas espanholas contribuiu para que o protestantismo reformado se fortalecesse como elemento de resistência política e religiosa. Com a formação da República das Províncias Unidas, a Igreja Reformada passou a ocupar posição de destaque na organização social e religiosa neerlandesa.

A expansão marítima e comercial dos Países Baixos no século XVII também favoreceu a disseminação da fé reformada em territórios ultramarinos. No contexto do Brasil Holandês (1630-1654), a Igreja Reformada acompanhou a atuação da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), promovendo ações missionárias voltadas para a evangelização e educação religiosa. Na Paraíba, os missionários calvinistas estabeleceram contato principalmente com os indígenas Potiguara, buscando transmitir os princípios da fé reformada por meio do ensino das Escrituras, da alfabetização e da catequese.



João Calvino

Dessa maneira, a Reforma Calvinista não deve ser compreendida apenas como um movimento religioso europeu, mas também como um fenômeno que influenciou processos políticos, culturais e sociais em diferentes regiões do mundo. Sua presença no Brasil colonial demonstra como as disputas religiosas da Europa foram incorporadas aos conflitos e às relações estabelecidas entre europeus e povos indígenas durante o período da colonização.

1.3 A igreja reformada na Holanda

No século XVI, os países baixos estiveram sendo dominados pelos Habsburgos, primeiro com o imperador alemão Carlos V e em 1555, com seu filho Filipe II, rei da Espanha. Os esforços para as reformas religiosas nessa parte do globo haviam surgido ainda nos séculos XIV e XV, com movimentos como os Irmãos da Vida Comum. Esses movimentos eram inspirados numa teologia agostiniana e davam ênfase ao estudo da Bíblia, à vida de devoção e à educação. A partir de 1520, surgiram as primeiras influências luteranas que enfrentaram intensa repressão por parte das autoridades civis e eclesiásticas. Na Holanda, a Reforma Protestante está inserida no contexto das transformações religiosas ocorridas na Europa durante o século XVI, período marcado pelo surgimento da Reforma Protestante. As ideias defendidas por reformadores como Martinho Lutero e, posteriormente, João Calvino, encontraram espaço entre diferentes grupos da sociedade neerlandesa, especialmente entre aqueles que questionavam a autoridade da Igreja Católica Romana e buscavam uma nova compreensão da fé cristã baseada nas Escrituras.

Nos Países Baixos, a expansão do pensamento reformado ocorreu em meio a um cenário de conflitos políticos e religiosos, pois a região estava sob o domínio da monarquia espanhola, que mantinha uma forte ligação com o catolicismo. A tentativa das autoridades espanholas de conter o avanço protestante gerou perseguições e intensificou as tensões entre a população neerlandesa e o governo de Filipe II. Nesse contexto, a defesa da liberdade religiosa passou a se relacionar também com os movimentos de resistência política contra o domínio espanhol.

Com o avanço da luta pela independência, o calvinismo tornou-se uma das principais expressões religiosas das Províncias Unidas. A Igreja Reformada passou a desempenhar um papel importante na organização social e política da nova república neerlandesa, contribuindo para a formação de uma identidade religiosa que esteve associada ao crescimento econômico e à expansão marítima dos Países Baixos durante o século XVII.

A consolidação da doutrina reformada ocorreu de maneira mais sistemática a partir do Sínodo de Dort (1618-1619), encontro que reuniu representantes de diferentes comunidades calvinistas e estabeleceu princípios teológicos que orientariam a Igreja Reformada Holandesa. Essa organização religiosa acompanhou o processo de expansão colonial neerlandesa, sendo responsável pela atuação missionária em diversos territórios controlados pelos holandeses.

No contexto do Brasil Holandês (1630-1654), a Igreja Reformada esteve vinculada aos interesses da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), atuando na evangelização e no ensino religioso nas áreas ocupadas pelos neerlandeses. Na Paraíba, os missionários reformados desenvolveram ações junto às comunidades indígenas, principalmente entre os Potiguaras, buscando transmitir os fundamentos da fé calvinista por meio da catequese, da educação e do ensino das Escrituras. Dessa forma, a presença da Igreja Reformada no Brasil colonial não representou apenas uma mudança religiosa, mas também fez parte das

disputas políticas, culturais e territoriais que marcaram as relações entre portugueses, neerlandeses e povos indígenas no século XVII.

Falando mais sobre a teologia reformada holandesa, em 1604, um teólogo holandês chamado Jacó Arminio, iniciou algumas discordâncias do que Calvino havia proposto, o que resultou num sínodo realizado em Dort, na Holanda. Essa reunião que acontecera em 1618 e 1619 definiu a doutrina da predestinação, uma das mais famosas doutrinas do calvinismo, que diz que todo ser humano nasce salvo ou condenado antes de sequer chegar a consciência.

"Pelo decreto de Deus, para manifestação de Sua glória, alguns homens e anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna."

Max Weber citando a Confissão de Westminster (1647), que sistematiza o pensamento calvinista, em sua obra "A ética protestante e o espírito do capitalismo"

Weber vai falar sobre uma solidão interior inaudita, em que nenhum sacerdote poderia mudar o destino de uma pessoa e nem mesmo o que ela faça ou deixe de fazer.

Assim, deste modo se organizou a Igreja na Holanda, numa ótica calvinista.



Sínodo de Dort – 1618,1619

Capítulo 2

Tentativas de evangelização protestante no Brasil

2.1 Villegagnon recebe os enviados de João Calvino

Nicolas Durand de Villegagnon, militar e católico Francês ao chegar na Baía de Guanabara, pediu que Calvino enviasse missionários Huguenotes para lá por motivos políticos. Fundou o forte Coligny e por conta da interpretação literal da eucaristia começou a perseguir os protestantes que organizaram a confissão de fé de Guanabara em 17 de Janeiro de 1558.

No dia seguinte da entrega do documento, em 18 de Janeiro, três dos autores: Bourdel, Verneuil e Bourdon, foram executados ficando famosos por serem os mártires de Guanabara.

Após um tempo Villegagnon voltou a França e continuou combatendo o protestantismo, publicando obras contra a doutrina reformada.

2.2 A ocupação Holandesa

Segundo o escritor, jornalista e professor José Octávio de Arruda Melo em sua obra panorâmica sobre história da Paraíba, em que enfatiza as lutas e resistências de todos os períodos desde a fundação, no início do século XVII a “Paraíba” experimentava um lento,

mas seguro, crescimento. Ele diz que o número de colonos subia a oitocentos, contra catorze mil “índios aldeados pelos franciscanos.

O professor e historiador Lúcio Flávio Vasconcelos descreve a vinda dos Holandeses para a então Filipeia de N.S das Neves desta forma:

“Comandando uma esquadra composta por 67 navios de guerra, sete mil homens e 1.170 canhões, o almirante holandês Hendrick Corneliszoon Loncg alcançou a cidade de Olinda, capital de Pernambuco, em fevereiro de 1630. (...) Logo após a conquista da capitania de Pernambuco, a companhia das Índias Ocidentais, deram início ao projeto de expansão pelo Nordeste. A Paraíba por ser a segunda capitania em produção do açúcar na região norte, tendo 18 engenhos de açúcar em pleno funcionamento (...) passou a ocupar as atenções do comando militar holandês.

Tiveram uma tentativa frustrante em que pelo menos uns 180 homens ficaram mortos ou feridos e outros retornaram a Recife.

Depois de três anos, mais uma tentativa barrada por uma tropa composta por lusobrasileiros, napolitanos, espanhóis e indígenas. Eles não desistiram e com o apoio de um mulato pernambucano que havia lutado contra eles mas que passou para o lado dos holandeses e que conhecia bem o litoral paraibano. Lúcio Flávio descreve a derradeira investida dos invasores:

“Em 25 de novembro de 1634 (...) uma poderosa esquadra batava zarpuu do porto de Recife com destino a Paraíba. A força do ataque era composta por 29 navios com 500 canhões e 2354 soldados, distribuídos em 15 companhias”



Navios holandeses

Finalmente, após 2 tentativas frustradas, as vésperas do natal, em 24 de dezembro de 1634 os neerlandeses tomaram a capital da Paraíba e muitos lusos que haviam lutado contra os holandeses, partiram para o lado dos flamengos. Após a vitória, mudaram o nome da capital, de Filipeia para Frederikstad (cidade de Frededrico) em alusão a Frederico de Orange-Nassau. A capital era povoada por portugueses, espanhóis, indígenas livres, cristãos novos, ameríndios cativos, e africanos escravizados. Com os holandeses, também chegara a sua religião que era novidade para a terra, o protestantismo.

e um século de convivência entre europeus e povos indígenas, diversos elementos da cultura europeia já eram parcialmente conhecidos por várias comunidades nativas. Neste contexto, o foco recai sobre os Potiguara, povo que habitava o litoral do Nordeste brasileiro e que, durante a ocupação holandesa, estabeleceu uma importante aliança com os neerlandeses.

Na visão europeia da época, os indígenas que viviam próximos ao litoral eram considerados mais suscetíveis ao processo de "civilização", enquanto aqueles do interior eram frequentemente classificados como bárbaros. Os povos de origem tupi, por já terem incorporado alguns aspectos da cultura material europeia, eram vistos pelos holandeses como socialmente mais próximos de seus padrões do que os grupos tapuias, habitantes do sertão. Entretanto, essas classificações refletiam apenas a perspectiva europeia e variavam conforme os interesses políticos e históricos do momento. Na prática, as relações entre indígenas e europeus foram marcadas por constantes intercâmbios culturais e negociações.

Os Potiguara mantinham um histórico de conflitos com os portugueses, alternando momentos de vitória e derrota. Seu território abrangia a região entre Itamaracá e o Maranhão. Inicialmente, estabeleceram relações amistosas com Duarte Coelho, fundador de Olinda e primeiro donatário de Pernambuco. Contudo, essa convivência deteriorou-se quando parte dos Potiguara recebeu armas de fogo dos franceses e passou a resistir ao domínio português, especialmente contra a escravização. Apesar disso, alguns grupos permaneceram aliados dos portugueses durante os confrontos.

Diante desse cenário, a aliança entre os Potiguara e a Companhia das Índias Ocidentais (WIC) mostrou-se vantajosa para ambas as partes. Os indígenas encontravam nos neerlandeses um aliado estratégico contra os portugueses, enquanto os holandeses contavam com o conhecimento territorial e o apoio militar dos povos nativos para fortalecer sua presença na região. Mesmo diante das diferenças culturais, o interesse comum em combater os portugueses aproximou os dois grupos.

Essa aproximação foi favorecida pelo fato de muitos Potiguara já terem vivido em aldeamentos administrados por missionários católicos, onde receberam instrução religiosa e nomes cristãos. Assim, possuíam conhecimentos prévios sobre o cristianismo, embora sob a perspectiva da Igreja Católica. Com a presença neerlandesa, passaram a conhecer também os princípios da fé reformada, influenciada pelas ideias de Martinho Lutero e João Calvino, responsáveis pelas transformações religiosas ocorridas na Europa durante o século XVI.

Entre os indígenas que mais se destacaram nesse processo estavam Pedro Poti e Antônio Paraupaba. Após o fracasso da invasão holandesa à Bahia, ambos seguiram para os Países Baixos, onde permaneceram aproximadamente cinco anos. Durante esse período, tiveram acesso à educação europeia e aprofundaram seus conhecimentos sobre a cultura neerlandesa. Ainda assim, documentos da época registram críticas por parte dos holandeses, que afirmavam que eles continuavam preservando práticas tradicionais, como as danças tupis e a pintura corporal

Os dois indígenas desempenharam papel fundamental como mediadores culturais. Forneceram aos neerlandeses informações estratégicas sobre o Ceará, Rio Grande e Paraíba, além de dados sobre recursos minerais, rotas litorâneas, forças militares portuguesas e povos indígenas vizinhos. Também colaboraram na tradução de palavras da língua tupi e facilitaram a comunicação entre europeus e indígenas, fortalecendo acordos políticos e militares.

A conversão de parte dos Potiguara ao calvinismo foi recebida com entusiasmo pelas autoridades holandesas, que interpretaram esse interesse como um avanço da religião reformada. Contudo, conquistar a adesão de alguns líderes não significava controlar toda a nação Potiguara, formada por diferentes aldeias e lideranças autônomas, cada uma com seus próprios interesses e estratégias políticas.

A ideia de que os povos indígenas atuavam apenas como subordinados dos europeus não corresponde à realidade histórica. Os Potiguara exerceram importante papel diplomático ao negociar alianças, aprender a língua neerlandesa, intermediar contatos e incorporar determinados aspectos do protestantismo. Essas ações beneficiaram tanto os interesses da Companhia das Índias Ocidentais quanto os próprios indígenas, que utilizaram essa parceria para fortalecer sua posição diante dos portugueses.

2.3 Missionários entre os povos indígenas

Durante o período da ocupação neerlandesa na Paraíba, no século XVII, os missionários holandeses desempenharam um papel significativo no processo de evangelização e educação das populações indígenas, especialmente entre os Potiguara. Diferentemente da atuação católica já estabelecida na colônia portuguesa, os missionários reformados tinham como principal objetivo a disseminação dos princípios do calvinismo, buscando converter os indígenas à fé cristã reformada.

Uma das principais estratégias utilizadas pelos missionários neerlandeses foi o incentivo à alfabetização dos indígenas, pois acreditavam que o conhecimento da leitura e da escrita era fundamental para que eles pudessem compreender diretamente as Escrituras Sagradas. Dessa forma, a educação religiosa tornou-se um instrumento essencial para a propagação da doutrina protestante, envolvendo o ensino da Bíblia, dos princípios cristãos e dos valores defendidos pela Igreja Reformada.

Além da instrução religiosa, os missionários também buscaram estabelecer formas de comunicação com os povos indígenas, utilizando intérpretes e contando com a participação de líderes nativos que haviam adquirido conhecimentos da cultura europeia. Nesse contexto, destacaram-se indígenas como Pedro Poti e Antônio Paraupaba, que atuaram como mediadores entre os neerlandeses e as comunidades indígenas, contribuindo para a aproximação cultural e religiosa entre esses grupos.

A atuação missionária holandesa também esteve relacionada à criação de espaços de ensino, como escolas e internatos, nos quais os indígenas recebiam ensinamentos religiosos e elementos da educação europeia. Entretanto, esse processo não deve ser entendido apenas como uma imposição cultural, pois os povos indígenas também participaram ativamente dessas relações, utilizando a aproximação com os neerlandeses como uma estratégia política diante dos conflitos existentes com os portugueses.

Assim, os ensinamentos transmitidos pelos missionários holandeses na Paraíba estiveram ligados não somente à expansão do protestantismo calvinista, mas também a um complexo processo de interação cultural, no qual religião, educação e interesses políticos se entrelaçaram durante o período colonial.

A fé protestante chegou e se enraizou na Paraíba no período holandês, por meio dos missionários entre os quais cito os principais:

Johannes Eduardus: Um dos missionários mais apegados aos Potiguara. Ele se dedicou intensamente à catequização, traduziu trechos da Bíblia para o tupi e, em 1646, traduziu as famosas "cartas tapuias" do tupi para o neerlandês.

David à Doreslaer: Junto com Eduardus, foi enviado em 1638 para as aldeias a pedido dos próprios Potiguara. Ele organizou o livro "Uma Instrução Simples e Breve da Palavra de Deus", traduzido para o tupi, holandês e português, impresso em 1641.

Samuel Folkerus: Realizou o culto de Ação de Graças na tomada do forte de Santa Catarina, em Cabedelo, marcando presença no início das atividades missionárias na Paraíba.

Mas um dos principais trunfos entre os holandeses e os indígenas foi Pedro Poti, indígena convertido ao protestantismo e aliado dos holandeses até sua morte após a segunda batalha dos Guararapes em 1652.

Embora o governo de Nassau defendesse a tolerância religiosa (protestantes, católicos e judeus), os missionários reformados tinham como objetivo principal converter os católicos luso-brasileiros e os indígenas ao calvinismo, gerando tensões.

Os missionários enfrentaram dificuldades em converter os indígenas, pois muitas vezes as ações militares da WIC (que buscava açúcar e escravos) conflitavam com o trabalho de catequização e assentamento dos nativos.

Pastores reformados, como Johannes de Laet, relataram problemas na catequização, encontrando resistência tanto dos indígenas quanto dos colonos católicos que preferiam manter suas tradições, tornando o missionarismo um desafio constante.

A constante "guerra de restauração" pelos portugueses impedia a consolidação da fé reformada, forçando o fechamento de igrejas e a interrupção das atividades missionárias à medida que a WIC perdia terreno

Apesar de o governo de Nassau promover a aceitação de diferentes crenças (como a protestante, a católica e a judaica), os missionários reformados tinham como foco primordial a conversão dos católicos luso-brasileiros e dos indígenas ao calvinismo, o que provocou conflitos.

Os missionários encontraram obstáculos na tarefa de converter os indígenas, já que frequentemente as intervenções militares da WIC, que visavam a obtenção de açúcar e escravos, entravam em choque com os esforços de evangelização e colonização dos nativos.

Ministros reformados, como Johannes de Laet, relataram dificuldades na catequização, encontrando resistência tanto por parte dos nativos quanto dos colonos católicos, que desejavam preservar suas tradições, tornando a missão um desafio contínuo.

A persistente "guerra de restauração" promovida pelos portugueses dificultava o estabelecimento da fé reformada, levando ao fechamento de templos e à paralisação de iniciativas missionárias enquanto a WIC enfrentava retrocessos.

Capítulo 3

Os primeiros passos do protestantismo na Paraíba Holandesa (Frederica)

3.1 A igreja reformada potiguará

Não há como não mencionar o trabalho da pesquisadora Jaqueline de Souza em que enfatiza que os próprios nativos lideravam a igreja potiguará. No livro intitulado “A igreja reformada potiguará”, Jaqueline descreve alguns pontos interessantes para nós.

O primeiro é que muitos historiadores apontam a fundação desta igreja na paraíba, como a principal das Américas. Segundo, que a doutrina era, obviamente calvinista, como já entendemos este processo mais acima. Ela era frontalmente opositora ao catolicismo. Terceiro, ela tinha uma estrutura teológica bem organizada.

Logicamente essa fé estava dando seus primeiros passos em meio a muitos conflitos.

Após a expulsão dos holandeses em 1654, os Potiguaras que eram protestantes mantiveram sua crença. Eles realizaram uma caminhada de aproximadamente 750 km em direção à Serra da Ibiapaba, que faz a divisa entre os estados do Ceará e Piauí.

Nesse local, a igreja experimentou sua fase mais genuína, atuando sem a supervisão de ministros da Europa e convertendo outras comunidades, como os Tabajaras. A comunidade resistiu por várias décadas, enfrentando a opressão dos portugueses até o ano

de 1692, quando a pressão das forças militares e da missão católica dispersou os últimos grupos reformados.

3.2 Contribuições de Pedro Poti no período e cartas trocadas entre os potiguaras

Pedro Poti (1608-1652) foi um dos indígenas levados para a Holanda, lá ele se torna calvinista. Sem dúvidas um forte aliado dos holandeses ao se opor inclusive ao seu primo Felipe Camarão, que lutava ao lado dos portugueses como capitão-mor. Pedro Poti foi autor de cartas escritas tanto em holandês, como em tupi, fazendo de seus escritos, documentos históricos fundamentais para entender o recorte.

Existem seis cartas trocadas entre potiguaras entre 19 de agosto e 21 de outubro de 1645.

Trecho da Carta 1- de Felipe Camarão a Pedro Poti, de 19 de agosto de 1645

“Envio minhas palavras novamente a todos vocês, meus filhos. Mando-lhes determinações novamente, por os amar de fato. Por quê? Por ser eu, na verdade, o pai verdadeiro de todos, para que vocês não percam sua salvação.”

Interessante alguns aspectos desse trecho. Felipe Camarão lutou até o fim para que seu primo Pedro Poti deixasse os hereges protestantes e fosse pra o catolicismo



Pedro Poti

Interessante alguns aspectos desse trecho. Felipe Camarão lutou até o fim para que seu primo Pedro Poti deixasse os hereges protestantes e fosse pra o catolicismo para lutar ao seu lado.

Um trecho bastante famoso de Poti é quando ele revela qual o plano dos portugueses e suas intenções:

“Não, Felipe, vós vos deixais iludir; é evidente que o plano dos celerados portugueses não é outro senão o de se apossarem deste país e, então, assassinar ou escravizarem tanto a vós como a nós todos”. 31 de outubro de 1645

Ele também defendia a liberdade dos povos indígenas e rejeitava o sistema de escravidão imposta pelos portugueses. Poti foi um grande estrategista e ficou conhecido como “regedor dos indígenas da Paraíba.”

Por meio de seu domínio da língua holandesa e da cultura da Europa adquirida em cinco anos de vida na Holanda, Poti conseguiu unificar tribos indígenas contra o domínio colonial holandês. Em 1645 participou do primeiro congresso indígena da América consolidando sua autoridade política.

Pedro Poti hoje é lembrado como símbolo de resistência a colonização portuguesa e por defender a liberdade de crença, tendo preferido morrer ao negar suas convicções.

3.3 Educação

O modelo de educação jesuítica permaneceu praticamente inalterado por quase dois séculos no Brasil colonial, devido à falta de interesse da Coroa Portuguesa em criar um sistema educacional efetivo. Chegaram ao Brasil grupos protestantes, como os holandeses, com o objetivo de divulgar a Bíblia e restaurar a religião cristã reformada. Entre suas práticas educacionais estavam a criação de internatos e programas de intercâmbio para indígenas, como o envio de jovens potiguaras aos Países Baixos para aprender leitura, escrita e a religião reformada, o que ocorreu com Pedro Poti já mencionado acima. Essas iniciativas eram criticadas pelas lideranças indígenas, pois afastavam as crianças de sua cultura e tradições.

Desde o início, os holandeses se preocuparam muito em educar os índios, pois desejavam que eles pudessem ler e compreender a Bíblia.

O que nos chama atenção é que surgiram índios que eram professores. Os holandeses buscaram formar índios para que eles pudessem ensinar o seu próprio povo. Estes professores indígenas foram formados para dar aulas de alfabetização e ensinar as doutrinas da Igreja Reformada Holandesa. Eles também ensinavam noções de matemática, história, geografia e ciências. É interessante notar que, no Brasil do século XVII, existiram professores indígenas pagos pelo próprio governo holandês.

Além das disputas militares e contribuições na luta pela liberdade individual de crença, os holandeses calvinistas focaram muito na alfabetização dos indígenas, fazendo um contraponto com a catequese jesuíta tradicional que focava mais na doutrinação oral.

A doutrina bem estabelecida na reforma protestante de “somente a escritura”, que enfatizava a autoridade da bíblia para os protestantes, enquanto os católicos asseguravam

a tradição papal como mais importante, fez com que os indígenas aprendessem a ler a bíblia em sua própria língua, os responsáveis pela evangelização aprenderam as línguas nativas para pregar principalmente aos potiguaras.

Sob o governo de Nassau floresceu uma intensa atividade intelectual e, pela primeira vez, foi criado um interesse voltado para a ciência e cultura. Artistas, botânicos, médicos procuraram desvendar os segredos e a beleza da região. A participação dos cristãos-novos na criação dessa nova vida cultural foi única e pioneira na América colonial.

Conclusão

Em conclusão, o conflito luso-holandês ultrapassou a disputa territorial e política, assumindo também um forte caráter religioso. Os indígenas Potiguaras, já catequizados pela Igreja Católica, foram levados a escolher não apenas entre portugueses e neerlandeses, mas também entre o catolicismo e o protestantismo reformado. Essa divisão demonstrou como as tensões da Reforma e da Contrarreforma europeias foram reproduzidas no contexto colonial brasileiro, influenciando diretamente as alianças, a identidade religiosa e a trajetória histórica dos povos indígenas envolvidos no conflito.

Após as batalhas dos Guararapes e a derrota holandesa a posteriori, os indígenas da Baía da traição tiveram de fugir ou migrar para outra região, Ibiapaba, Ceará, a qual se tornou conhecida como a Genebra brasileira, fazendo alusão a cidade Suíça a qual João Calvino implantou a reforma.

Em síntese, a implantação do protestantismo na Paraíba representou um marco importante na história religiosa das Américas. Apesar de ter surgido em um contexto de intensos conflitos políticos e religiosos, a comunidade reformada conseguiu se consolidar por meio da organização de sua doutrina e da perseverança de seus fiéis. Mesmo após a expulsão dos holandeses, os indígenas Potiguaras mantiveram viva a fé protestante, demonstrando a força e a autonomia desse movimento. Embora a repressão portuguesa e a atuação das missões católicas tenham levado à dispersão das últimas comunidades reformadas em 1692, esse episódio deixou um legado significativo para a história do protestantismo no na Paraíba e no Brasil.

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a Reforma Protestante não se limitou às transformações religiosas ocorridas na Europa durante o século XVI, mas

constituiu um movimento de grande impacto político, social e cultural, cujos efeitos alcançaram diferentes regiões do mundo. As ideias de Martinho Lutero e, posteriormente, de João Calvino, contribuíram para o surgimento de novas interpretações do cristianismo, entre elas a tradição reformada, que encontrou nos Países Baixos um ambiente favorável para seu desenvolvimento e consolidação.

A formação da Igreja Reformada Holandesa esteve profundamente relacionada aos conflitos entre os neerlandeses e o domínio espanhol, demonstrando como religião e política estavam interligadas naquele período. O fortalecimento do calvinismo nas Províncias Unidas acompanhou o processo de expansão marítima e comercial dos holandeses, levando a doutrina reformada para os territórios coloniais controlados pela Companhia das Índias Ocidentais (WIC). Nesse contexto, a chegada dos neerlandeses ao Nordeste brasileiro não representou apenas uma disputa econômica pelo domínio açucareiro, mas também a introdução de uma nova tradição religiosa no espaço colonial português.

Na Paraíba, a presença holandesa trouxe profundas transformações nas relações entre europeus e indígenas, especialmente entre os Potiguara. A aliança estabelecida entre esses povos e os neerlandeses demonstra que os indígenas não atuaram como simples grupos subordinados aos interesses europeus, mas como agentes históricos capazes de negociar, estabelecer alianças e utilizar os conflitos coloniais em benefício de suas próprias estratégias políticas e sociais. A trajetória de líderes como Pedro Poti e Antônio Paraupaba revela a complexidade dessas relações, marcadas pela circulação de conhecimentos, pela adaptação cultural e pela participação indígena nos acontecimentos do período.

A atuação dos missionários reformados na Paraíba também evidencia que a expansão do calvinismo esteve associada a projetos de evangelização e educação. O ensino da leitura, da escrita e das Escrituras Sagradas tinha como objetivo fortalecer a fé reformada, mas também produziu novas formas de participação indígena, incluindo a formação de professores nativos e mediadores culturais. Dessa maneira, a educação tornou-se um dos principais instrumentos utilizados pelos holandeses para a consolidação de sua presença religiosa e social na região.

A experiência da Igreja Reformada Potiguara demonstra que, mesmo após a expulsão dos holandeses em 1654, os indígenas convertidos ao protestantismo mantiveram suas crenças e buscaram preservar sua identidade religiosa em meio às pressões portuguesas e católicas. A resistência dessas comunidades por décadas revela que a presença reformada na Paraíba não foi apenas um episódio passageiro da ocupação neerlandesa, mas deixou marcas significativas na história religiosa do Brasil colonial.

Portanto, compreender o protestantismo reformado na Paraíba do século XVII exige considerar a interação entre diferentes sujeitos históricos: europeus, indígenas, africanos e colonos luso-brasileiros. A história da Reforma Calvinista no território paraibano revela um cenário de disputas religiosas, conflitos políticos e trocas culturais, no qual a fé, a educação e as alianças estratégicas desempenharam papéis fundamentais na formação da sociedade colonial.

Considerações

Este trabalho é de natureza qualitativa e exploratória, nele a intenção foi tornar conhecida a história de como a fé protestante deu os seus primeiros respiros aqui na Paraíba. Usei de fontes bibliográficas, mesmo que o assunto seja ainda tão escasso existe um ótimo material para se trabalhar e pesquisar sobre tal conteúdo.

O recorte histórico do período holandês na Paraíba é bem divulgado e trabalhado. Entretanto a confissão de fé protestante é pouco mencionado como pesquisa neste período. Procurei ser claro e pontual em cada parte deste trabalho.

Referências Bibliográficas

SCHALKWIJK, Frans Leonard. Igreja e Estado no Brasil Holandês (1630 – 1654). 2. Ed. São Paulo: Cultura Cristã. 2004.

VASCONCELOS, Lúcio Flávio. Paraíba Colonial: Guerras, resistência indígena e domínio imperial. 2. ed. rev. e ampl. Cajazeiras: Arribaça, 2023.

MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2004.

WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006

A Religião Reformada no Brasil no século XVII (Atas dos sínodos e classes do Brasil, no século XVII, durante o domínio holandês), RIHGB, tomo especial nº 1, 1912

SOUZA, Jaqueline de. A primeira Igreja Protestante do Brasil: Igreja Reformada Potiguar (1625-1692). São Paulo: Editora Mackenzie, 2013.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. O missionarismo reformado na capitania da Paraíba durante o Brasil holandês (1630-1654). REVER: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 251-267, dez. 2022.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. Índios Evangélicos no Brasil Holandês. Fides Reformata, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, 1997.

SOUZA, Élder Perboire Emerenciano de. A Igreja Reformada no Brasil Holandês (1630-1654): história e historiografia. Arandu: Revista de Relações Internacionais da UFRPE, Recife, v. 4, n. 1, p. 88-105, 2023.

SOUZA, João Carlos de. Uma análise sobre as permissões religiosas durante o período holandês (1630-1654). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências

das Religiões) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SANTIAGO, Hugo de Carvalho. O clero protestante no Brasil Holandês (1630-1654): perfil, atuação e mentalidade dos predicantes reformados. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2017.

GONÇALVES, Regina Célia. *Guerras e açúcares: política e economia na Capitania da Parahyba (1585-1630)*. Bauru: Edusc, 2007.

OBS: GRAVURAS EXTRAIDAS DA INTERNET